

“GOSTARIA DE SABER QUAL A ÁREA QUE O GOVERNO DESAPROPRIOU SEM QUE ANTES TIVÉSSEMOS DE OCUPÁ-LA À FORÇA”

(De José Rainha Júnior, líder do MST)

FHC quer ação comum contra MST

PRESIDENTE VAI REUNIR GOVERNADORES PARA DEFINIR LINHA DE ATUAÇÃO CONJUNTA CONTRA A VIOLÊNCIA NO CAMPO

evitar que haja novos confrontos, já que a primeira ação, a rigor, é dos Estados. Ainda está viva na memória do governo o sangrento episódio de Eldorado dos Carajás, no Pará, que resultou na morte de 19 sem-terra depois de um confronto com a PM local.

A disposição do presidente é de que as Forças Armadas não sejam empregadas para a desocupação de propriedades particulares. Este, na avaliação do governo, é o papel da Justiça e da Polícia Militar, quando requisitada. O presidente quer acertar com os gover-

nadores fórmulas de evitar novos bloqueios de estradas.

No Pontal do Paranapanema, o líder do MST na região, José Rainha Júnior, disse ontem que a decisão do presidente Fernando Henrique de considerar as invasões assunto de se-

gurança nacional “demonstra o desespero do presidente pela reprovação de seus projetos de governo”.

Rainha classificou a posição presidencial contra as ocupações promovidas pelo MST como “absurdas” e acrescentou: “Gostaria de saber qual foi a área que o governo desapropriou sem que antes tivéssemos de ocupá-la à força.”

Segundo Rainha, a posição do presidente “está ferindo a democracia e estimulando o braço armado do campo, permitindo aos integrantes da extinta UDR e grupos neofascistas aumentar a repressão aos lavradores”. E assegurou que as lutas do MST, como as invasões, não vão parar.

**Tânia Monteiro/AE
e Luiz Carlos Lopes/AE**

O presidente Fernando Henrique Cardoso vai reunir todos os governadores no início de julho para definir uma linha de ação comum das polícias militares estaduais diante da escalada de violência no campo.

Na reunião da Câmara de Relações Exteriores e Defesa do Estado, anteontem, o presidente considerou o caso como de segurança nacional. Fernando Henrique, porém, disse que a utilização das Forças Armadas em conflitos agrários só acontecerá em último caso e somente para impedir a invasão de prédios públicos, como vem ocorrendo em alguns Estados sob a bandeira do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST).

Ontem, assessores do presidente confirmaram a preocupação do governo com os rela-

tórios da área militar alertando para a possibilidade de a cúpula do MST já ter perdido o controle sobre as invasões. Um dos exemplos utilizados pelos militares foi o de Buriticupu, no Maranhão, onde se registrou invasão de uma fazenda que estava prestes a ser desapropriada. Atos como este, na avaliação do governo, colocam em dúvida se realmente o MST tem pressa na reforma agrária.

Na reunião da quarta-feira, com a presença de 12 ministros, o presidente determinou que seja mantido o ritmo da reforma agrária, mandou que o ministro da Reforma Agrária, Raul Jungmann, continue a dialogar com o MST, reiterou que fazenda invadida não será desapropriada e convidou os governadores para

**Rainha, do MST,
diz que presidente
está estimulando
o “braço armado
do campo”**